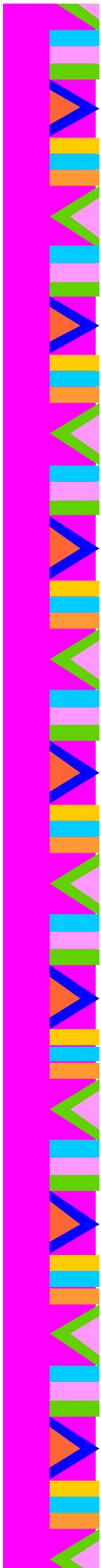




# Caderno de

-  **Histórias**
-  **Poesias**
-  **Lengalengas**
-  **Adivinhas**
-  **Canções**



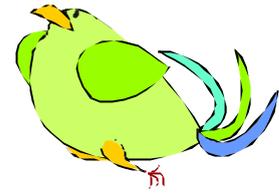
## NOTA INTRODUTÓRIA

- **Todas as actividades deste caderno devem ser sempre realizadas com um adulto.**
  
- **As histórias e as canções encontram-se também gravadas na cassette.**

# HISTÓRIAS



## EL-REI PÁSSARO VERDE



Era uma vez um homem que tinha uma filha e casou-se com uma mulher que também tinha uma filha. E a madrasta tratava a enteada muito mal.

E um dia a menina viu vir um passarinho verde muito bonito, e o passarinho falou e disse-lhe:

- Arranja-me uma bacia de água, outra de leite e um laço de fita. E abalou a fugir.

E ela assim fez e o passarinho veio e caiu no laço, e banhou-se na bacia de água, depois na bacia de leite e saiu um príncipe.

E o príncipe disse-lhe que era El-Rei Pássaro Verde e que estava encantado.

Mas que se alguma vez contasse o seu segredo perdê-lo-ia, só voltando a encontrá-lo quando rompesse três pares de sapatos de ferro.

No outro dia a madrasta ouviu vozes, espreitou e viu o passarinho verde banhar-se na água e no leite e transformar-se em príncipe.

Ficou cheia de inveja e quando o príncipe se tornou a fazer em passarinho verde, deitou-lhe na água vidro moído sem que a menina desse por isso.

Quando o passarinho verde voltou e foi banhar-se, ficou muito ferido e fugiu.

A menina lembrou-se do que ele lhe tinha dito, foi ao ferreiro mandar fazer três pares de sapatos de ferro e partiu à procura do príncipe.

Foi andando, andando e já tinha rompido um par de sapatos quando avistou uma casinha e foi bater à porta.

Apareceu-lhe uma velhinha:

- A senhora sabe dizer-me onde mora El-Rei Pássaro Verde?
- Eu cá não sei, mas a minha filha que é a Lua há-de saber...

Esconda-se aí que ela tem muito mau génio.

Escondeu-se a menina, e dali a pouco tempo chegou a Lua.

- Cheira-me aqui a fôlego vivo -disse ela muito zangada.

- Ó filha, foi uma menina que me veio perguntar se eu sabia onde morava El-Rei Pássaro Verde.

- Eu só ando de noite, à hora em que toda a gente dorme com as portas e as janelas fechadas. O vento é quem há-de saber.

Ao outro dia a velhinha deu à menina o recado da Lua e entregou-lhe uma bolota, com a recomendação de só a abrir quando precisasse muito.

Pôs-se a menina outra vez a caminho e quando tinha rompido o segundo par de sapatos de ferro, avistou outra casinha.

Bateu à porta e uma velhinha veio abrir.

- A senhora sabe dizer-me onde mora El-Rei Pássaro Verde?

- Eu cá não sei, mas o meu filho Vento que anda por todo o mundo há-de saber. Mas esconda-se porque ele tem muito mau génio.

A menina escondeu-se e dali a pouco chegou o Vento a soprar:

- Cheira-me aqui a fôlego vivo.

- Ó filho, foi uma menina que me veio perguntar se eu sabia onde mora El-Rei Pássaro Verde.

- Quando eu apareço, todos fecham as portas e as janelas de modo que não sei onde ele está. Quem deve saber é o Sol.

No dia seguinte a velhinha deu à menina o recado do seu filho Vento e entregou-lhe uma noz com a recomendação de só a abrir quando muito precisasse.

A menina recomeçou a caminhar e quando já tinha andado tanto que tinha rompido o terceiro par de sapatos, viu ao longe outra casinha.

Bateu à porta e uma velhinha veio ver quem era.

- A senhora sabe dizer-me onde mora El-Rei Pássaro Verde?

- Eu cá não sei, mas o meu filho que é o Sol há-de saber. Mas esconda-se até que ele chegue.

A menina fez o que a velhinha lhe dizia e dali a pouco chegou o Sol.

- Cheira-me aqui a fôlego vivo.

- Ó filho, foi uma menina que me veio perguntar se eu sabia onde

morava El-Rei Pássaro Verde.

- El-Rei Pássaro Verde mora muito longe daqui e está em perigo de vida. Ninguém sabe curar a sua doença.

No outro dia, a velhinha deu à menina as notícias que o seu filho Sol lhe tinha dito e entregou-lhe uma castanha com a recomendação de não a abrir senão quando muito precisasse.

E a menina pôs-se outra vez a caminhar.

Quando anoiteceu, deitou-se debaixo de uma árvore onde as rolas faziam ninho e antes de adormecer ouviu as rolinhas falar:

- Então que notícias há de El-Rei Pássaro Verde?

- El-Rei Pássaro Verde está muito doente.

- E já não pode curar-se?

- Pode, pode. Basta que alguém junte algumas das nossas penas, as queime e com as cinzas polvilhe as suas feridas durante três noites a fio.

A menina foi o que quis ouvir. Logo que as rolas adormeceram, apanhou as penas caídas no chão e fez como as rolas tinham dito.

De manhã pôs-se a caminho da cidade.

Quando chegou diante do palácio, sentou-se no chão e abriu a bolota. Apareceu uma dobadoira de prata com meadas de ouro, a prenda mais rica que se podia imaginar. A menina pôs-se a dobar.

A rainha mãe chegou à janela e vendo aquela dobadoira tão bonita, mandou um criado perguntar à menina se a queria vender.

- Dar sim, vender não; mas sua Majestade há-de deixar-me ficar esta noite ao pé do príncipe.

A rainha aceitou e a menina, de noite, polvilhou as feridas do príncipe com as cinzas.

No dia seguinte foi sentar-se outra vez diante do palácio e abriu a noz.

Saiu dela uma roca de ouro cravejada de brilhantes, com um fuso de prata e a menina pôs-se a fiar.

Veio a rainha à janela e vendo a roca, mandou o criado saber se ela a queria vender.

- Dar sim, vender não; mas sua Majestade há-de deixar-me ficar esta noite ao pé do príncipe.

A rainha disse que sim e a menina, sem ninguém ver, polvilhou as feridas do príncipe com as cinzas que levava.

Pela terceira vez se sentou em frente do palácio e abriu a castanha, donde saiu uma galinha de ouro com pintainhos de prata.

Quando a rainha a viu, quis logo que a menina lha vendesse, mas ela respondeu:

- Dar sim, vender não; mas sua Majestade há-de deixar que eu fique mais esta noite ao pé do príncipe.

Assim foi; e pela terceira vez a menina deitou o resto das cinzas sobre as feridas do príncipe, que abriu os olhos e logo a reconheceu.

A menina contou-lhe tudo quanto tinha acontecido e El-Rei Pássaro Verde casou com ela e foram muito felizes. E ainda lá estão. Bendito e louvado, está o meu conto acabado!

In: *Histórias Tradicionais*, 1988, ME.

## O AMOR DE FILHA

### O SAL E A ÁGUA

Um rei tinha três filhas; perguntou a cada uma delas, por sua vez, qual era a mais sua amiga? A mais velha respondeu:

- Quero mais a meu pai do que à luz do Sol.

Respondeu a domeio:

- Gosto mais do meu pai do que de mim mesmo.

A mais moça respondeu:

- Quero-lhe tanto como a comida quer o sal.

O rei entendeu por isto que a filha mais nova não o amava tanto como as outras e pô-la fora do palácio. Ela foi, muito triste, por esse mundo e chegou ao palácio de um rei, aí se ofereceu para ser cozinheira. Um dia veio à mesa um pastel muito bem feito, e o rei ao parti-lo achou dentro um anel muito pequeno e de grande preço. Perguntou a todas as damas da corte de quem seria aquele anel. Todas quiseram ver se o anel lhes servia; foi passando até que foi chamada a cozinheira e só a ela é que o anel servia.

O príncipe viu isto e ficou logo apaixonado por ela, pensando que era de família de nobreza.

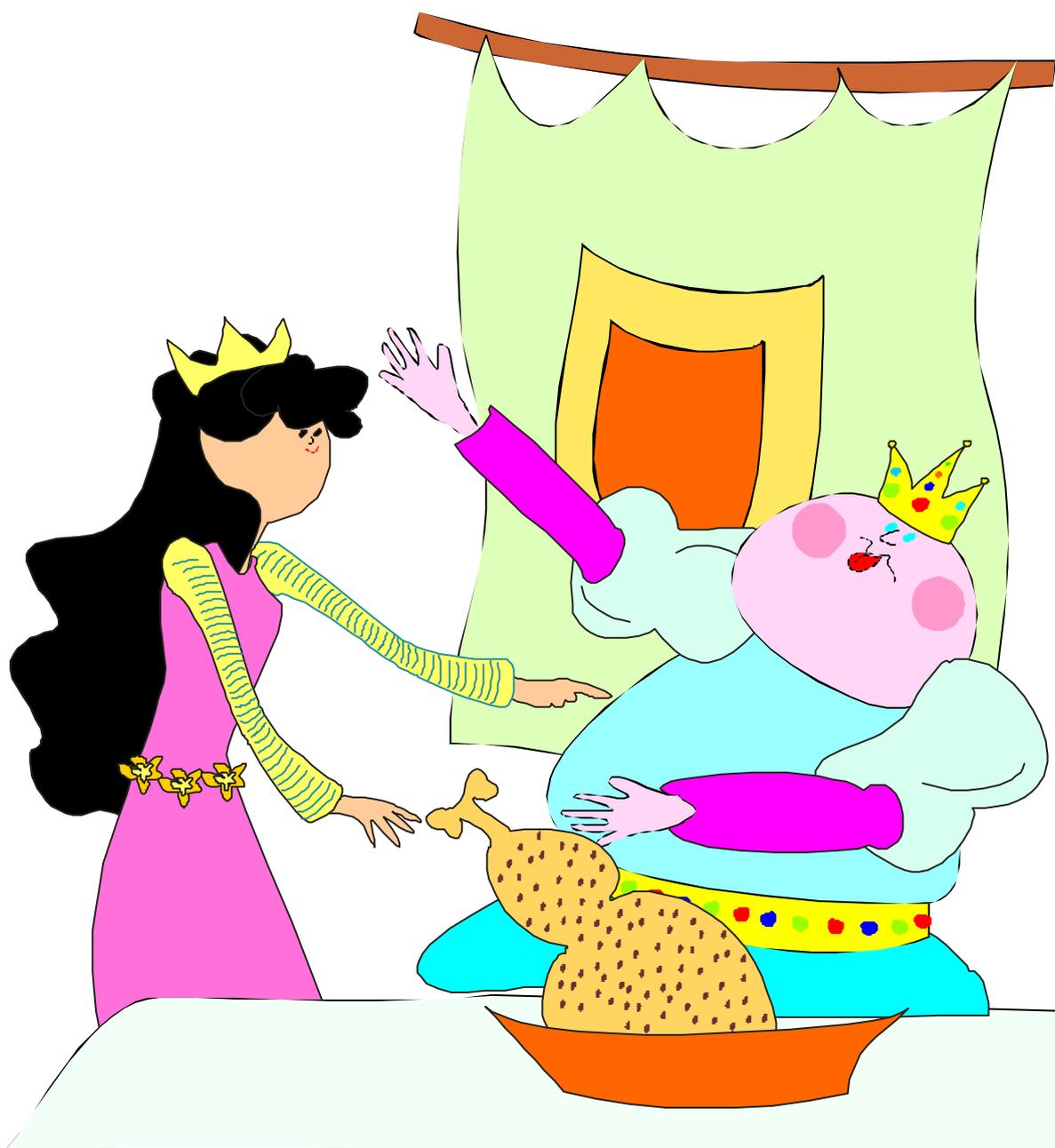
Começou então a espreitá-la, porque ela só cozinhava às escondidas e viu-a vestida com trajos de princesa. Foi chamar o rei seu pai e ambos viram o caso. O rei deu licença ao filho para casar com ela, mas a menina tirou por condição que queria cozinhar pela sua mão o jantar do dia da boda. Para as festas do noivado convidou-se o rei que tinha as três filhas e que pusera fora de casa a mais nova.

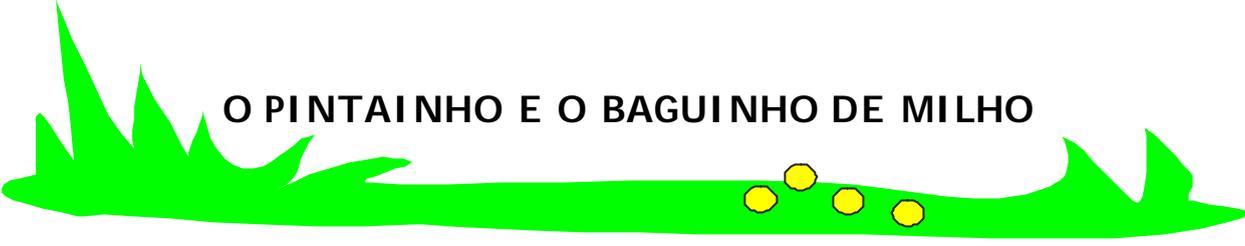
A princesa cozinhou o jantar, mas nos manjares que haviam de ser postos ao rei seu pai não botou sal de propósito. Todos comiam com vontade, mas só o rei convidado é que nada comia. Por fim perguntou-lhe o dono da casa, porque é que o rei não comia. Respondeu ele, que não sabia que assistia ao casamento da filha:

- É porque a comida não tem sal.

O pai do noivo fingiu-se raivoso e mandou que a cozinheira viesse ali dizer porque é que não tinha botado sal na comida. Veio então a menina vestida de princesa, mas assim que o pai a viu, conheceu-a logo e confessou alia sua culpa por não ter percebido quanto era amado por sua filha, que lhe tinha dito que lhe queria tanto como a comida quer o sal e que depois de sofrer tanto nunca se queixara da injustiça de seu pai.

TEÓFILO BRAGA  
In: *Histórias Tradicionais*, 1988, ME.





## O PINTAINHO E O BAGUINHO DE MILHO

Era uma vez um pintainho que andava a passear na estrada. Encontrou um baguinho de milho. Ficou todo contente e ia apanhá-lo, mas nisto passou a carruagem do rei, que vinha de uma caçada numa grande correria. O pintainho assustou-se e fugiu.

Quando a carruagem já lá ia adiante, o pintainho voltou ao meio da estrada, pelo baguinho de milho. Pôs-se a procurá-lo, a procurá-lo, mas não o encontrou. E vai, pensou assim:

Foi por causa do rei que eu perdi o meu baguinho de milho. Pois vou ao palácio, pedir-lhe que mo dê.

E pôs-se a caminho.

Andou, andou e a certa altura, muito cansado, sentou-se numa pedra a descansar. A pedra perguntou-lhe:

- Ó pintainho, onde vais com tanta pressa?
- Vou ao palácio do rei pedir o meu baguinho de milho.
- Oh! Se me levasses contigo era tão bom!
- Queres vir comigo? Mete-te dentro do meu papinho!

A pedra meteu-se dentro do papo do pintainho e ele continuou o seu caminho.

Chegou lá adiante, estava outra vez muito cansado, encontrou o machado de um lenhador que tinha ido almoçar e sentou-se no cabo do machado a descansar. O machado perguntou:

- Ó pintainho, onde vais com tanta pressa?
- Vou ao palácio do rei pedir o meu baguinho de milho.
- Oh! Se me levasses contigo era tão bom!
- Queres vir comigo? Mete-te dentro do meu papinho!

O machado meteu-se dentro do papo do pintainho e ele continuou o seu caminho.

Lá mais adiante, estava outra vez muito cansado, sentou-se à beira de um ribeiro, que lhe perguntou:

- Ó pintainho onde vais com tanta pressa?
- Vou ao palácio do rei pedir o meu baguinho de milho.

- Oh! Se me levasse contigo era tão bom!

- Queres vir comigo? Mete-te dentro do meu papinho!

O ribeiro meteu-se dentro do papo do pintainho, que continuou o seu caminho, até que chegou de frente do palácio do rei. Então, pôs-se a cantar:

- Qui-qui-ri-qui, meu baguinho de milho já para aqui!

- Qui-qui-ri-qui, meu baguinho de milho já para aqui!

O rei mandou um criado saber o que se passava. O criado foi e voltou e disse:

- Está ali um pintainho que diz que quer o baguinho de milho que o rei lhe fez perder.

- Ora o atrevido! Mete-o na capoeira!

O criado meteu o pintainho na capoeira, mas ele assim que se viu fechado disse:

- Machado, salta do meu papinho e parte-me esta porta.

O machado partiu a porta e o pintainho voltou para defrente do palácio.

- Qui-qui-ri-qui, meu baguinho de milho já para aqui!

- Qui-qui-ri-qui, meu baguinho de milho já para aqui!

O rei, muito zangado, chamou o criado e ordenou:

- Mete-me esse pintainho dentro de um pote e tapa-o bem tapado, para ele não fugir.

O criado assim fez, e o pintainho, quando se viu dentro do pote disse:

- Pedra, salta do meu papinho, e parte-me este pote.

A pedra partiu o pote e o pintainho voltou para de frente do palácio do rei:

- Qui-qui-ri-qui, meu baguinhode milho já para aqui!

- Qui-qui-ri-qui, meu baguinho de milho já para aqui!

O rei ficou ainda mais furioso, e gritou para o criado:

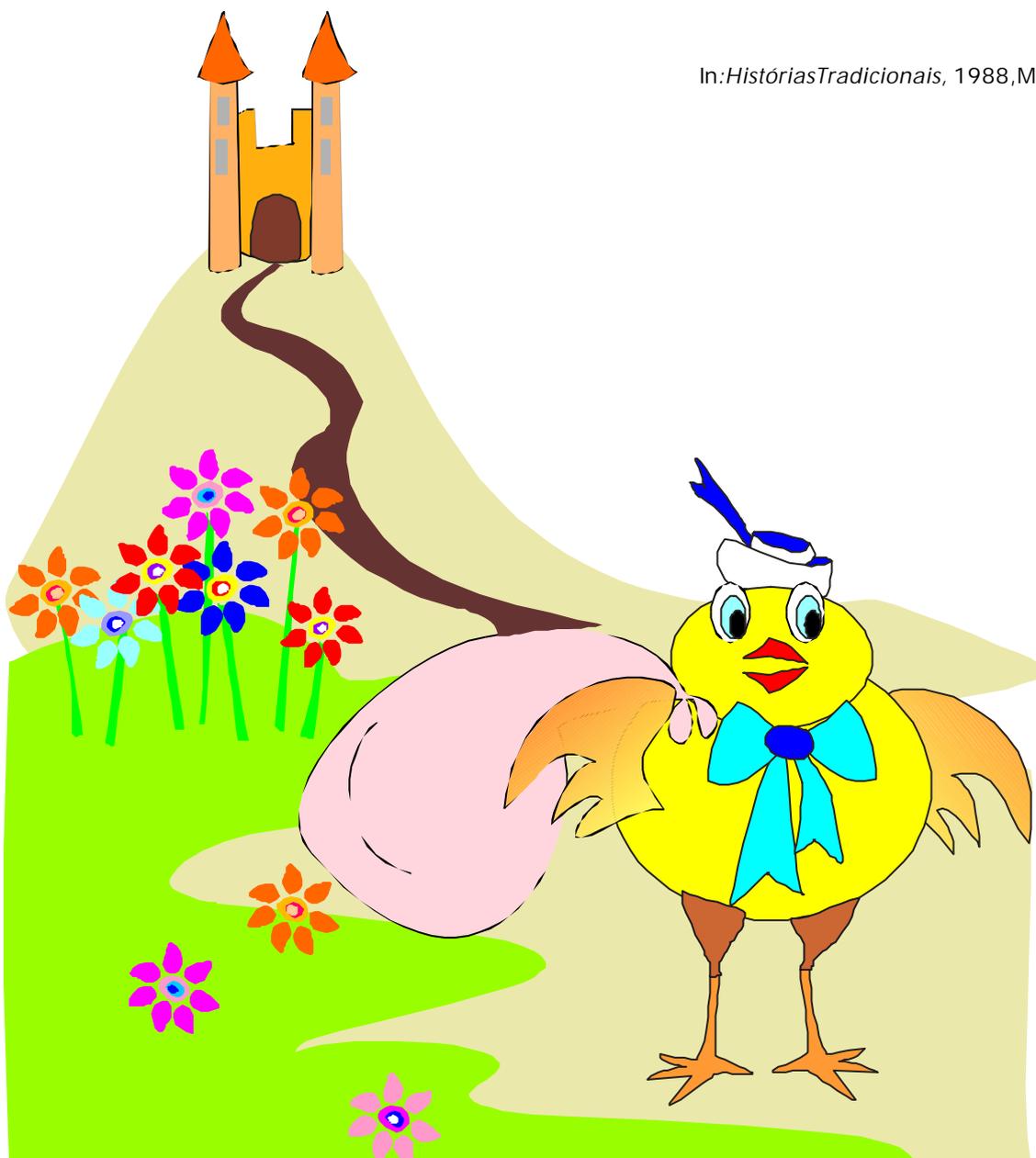
- Mete-me esse pinto dentro do forno quando ele estiver bem quente.

O criado assim fez, e o pintainho, quando se viu dentro do forno, disse:

- Ribeirinho, salta do meu papinho e apaga-me este forno.  
O ribeirinho apagou o forno e o pintainho voltou para de frente do palácio.

- Qui-qui-ri-qui, meu baguinho de milho já para aqui!  
Então o rei mandou ir o pintainho à sua presença e ele contou como tinha perdido o baguinho de milho que achara na estrada, por ter passado a carruagem real. Por isso estava ali a pedir o baguinho de milho.

O rei deu-lhe razão, mandou-lhe entregar um grande saco de milho e o pintainho foi-se embora, todo contente.



In: *Histórias Tradicionais*, 1988, ME.

## O COELHINHO BRANCO



Era uma vez  
um coelhinho  
que foi à sua horta  
buscar couves  
p´ra fazer um caldinho.

Quando o coelhinho branco voltou para casa depois de vir da horta, chegou à porta e achou-a fechada por dentro; bateu e perguntaram-lhe de dentro: -"Quem é?" O coelhinho respondeu:

Sou eu, o coelhinho  
que venho da horta  
e vou fazer um caldinho.

Responderam-lhe de dentro:

E eu sou a cabra cabrez  
que te salto em cima  
e te faço em três.

Foi-se o coelhinho por aí fora muito triste, e encontrou um boi e disse-lhe:

Eu sou o coelhinho  
que tinha ido à horta  
e ia para casa  
fazer o caldinho;  
mas quando lá cheguei  
encontrei a cabra cabrez,  
que me salta em cima  
e me faz em três.

Responde o boi: - "Eu não vou lá que tenho medo". Foi o coelhinho andando e encontrou um cão e disse-lhe:

Eu sou o coelhinho  
que tinha ido à horta  
e ia para casa  
fazer o caldinho;  
mas quando lá cheguei  
encontrei a cabra cabrez,  
que me salta em cima  
e me faz em três.

Responde o cão: -"Eu não vou lá que tenho medo." Foi mais adiante o coelhinho e encontrou um galo, a quem disse também:

Eu sou o coelhinho  
que tinha ido à horta  
e ia para casa  
fazer o caldinho;  
mas quando lá cheguei  
encontrei a cabra cabrez,  
que me salta em cima  
e me faz em três.

Responde o galo: - "Eu não vou lá que tenho medo. " Foi-se o coelhinho muito mais triste, já sem esperanças de poder voltar para casa, quando encontrou uma formiga que lhe perguntou: -"Que tens coelhinho?"

Eu vinha da horta  
e ia para casa  
fazer o caldinho;  
mas quando lá cheguei  
encontrei a cabra cabrez,  
que me salta em cima  
e me faz em três.

Responde a formiga: -"Eu vou lá e veremos como isso há de ser". Foram ambos e bateram à porta; diz-lhe a cabra cabrez lá de dentro:

Aqui ninguém entra  
está cá a cabra cabrez  
que lhes salta em cima  
e os faz em três.

Responde a formiga:

Eu sou a formiga rabiga,  
que te tiro as tripas  
e furo a barriga.

Dito isto, a formiga entrou pelo buraco da fechadura, matou a cabra cabrez; abriu a porta ao coelhinho; foram fazer o caldinho, e ficaram vivendo juntos, o coelhinho branco e a formiga rabiga.

ADOLFO COELHO  
In: *Histórias Tradicionais*, 1988, ME.



## O MACACO E A VIOLA



Passou um macaco em frente de uma escola de meninas; mal estas o viram puseram-se a gritar: olhem o macaco com o rabo muito comprido. O macaco foi a um barbeiro e pediu que lhe cortasse o rabo. O barbeiro cortou. Voltou o macaco a passar defronte da escola e as meninas desataram a rir dizendo: Olhem o macaco do rabo curto! Tornou o macaco a casa do barbeiro e pediu-lhe o rabo.

- Já o enterrei - respondeu o barbeiro.
- Pois levo uma navalha - disse o macaco.

Pegou na navalha e saiu, encontrando uma mulher a escamar o peixe à mão. Deu-lhe a navalha. Momentos depois voltou a pedir a navalha.

- Perdi-a - respondeu a mulher.
- Pois então levo uma sardinha.

E o macaco foi com a sardinha até encontrar a mulher de um moleiro a comer pão sem conduto. Deu-lhe a sardinha. Momentos depois voltou a pedir-lhe a sardinha.

- Já a comi - respondeu a moleira.
- Levo um saco de farinha.

E levou o saco de farinha. Chegou a uma escola e deu o saco à mestra. Momentos depois voltou a pedir o saco de farinha.

- As meninas já comeram a farinha em pão.
- Levo uma menina.

E levou a menina a casa de um homem que trabalhava em gaiolas. Momentos depois voltou pela menina.

- Foi para casa do pai - respondeu o gaioleiro.
- Levo uma gaiola.

E pegou numa gaiola e levou-a a casa de um violeiro. Momentos depois voltou a pedir a gaiola.

- Partiu-se.
- Pois levo uma viola.

Saiu o macaco com a viola e pôs-se a cantar e a tocar:

Do rabo fiz navalha  
Da navalha fiz sardinha  
Da sardinha fiz farinha  
Da farinha fiz menina  
Da menina fiz gaiola  
Da gaiola fiz viola  
Tinglinterim, tinglinterim  
Eu já me vou embora.  
Tinglinterim, tinglinterim  
Eu já me vou embora.

ATAÍDE OLIVEIRA  
In: *Histórias Tradicionais*, 1988, ME.



## O DESCONTENTAMENTO DO PEIXE GRANDE



Numa poça isolada do rio grande, vivia uma colónia de peixinhos. Eram muito amigos uns dos outros e reinava a paz no local. Havia, no entanto, um peixe grande e orgulhoso que estragava um pouco essa harmonia. Resmungava quando os peixinhos se aproximavam dele e queria para si tudo o que havia de melhor. Um dia, um dos peixinhos, numa tentativa de se libertar dele, disse ao peixe:

- Só me admiro que não vás viver além, no rio grande! Esta poça é muito pequena para ti. Lá, terias companheiros mais distintos do que peixinhos como nós.

O peixe meditou nas palavras do outro e convenceu-se que, de facto, estaria melhor no rio grande, cercado por peixes do seu tamanho e importância. -"Estou farto destes peixinhos!"-pensou.- "São tão ignorantes e inquietos! Quando vierem as chuvas e as inundações, poderei sair desta poça e nadar até ao rio. Vai ser um prazer conviver com os meus semelhantes!"

Não tardou muito que as águas das chuvas cobrissem a terra e foi fácil para o peixe nadar até ao rio. Que diferente era tudo: as rochas eram maiores, as plantas maiores também e os outros peixes...eram grandes de mais!

Descansava um pouco ao pé de umas pedras grandes que formavam uma gruta, quando sentiu a água a mexer-se atrás de si e quatro peixes enormes se aproximaram e o empurraram para o lado, sem cerimónia nenhuma:

- Sai daqui, peixinho! Não sabes que esta gruta está reservada para peixes como nós?!

"Peixinho"! Ele?! De facto, a vida no rio era muito diferente. Que maus modos tinham estes peixes! Podiam tê-lo avisado doutra maneira!

O peixe escondeu-se numas algas próximas, mas pouco tempo pôde descansar, pois dois peixes grandes, pretos e brancos, deram com

ele e atacaram-no com a boca aberta e intenções evidentes de o comerem! Fugiu muito depressa, nadando com toda a sua força e teve a felicidade de conseguir introduzir-se na fenda de uma rocha antes que aqueles dentes afiados lhe mordessem. Que susto! Então, era isto a vida do rio? Era essa a convivência com peixes de importância?

Começou a ter saudades do sossego da sua poça e da companhia dos peixinhos que, pelo menos, eram pacíficos!

Uma mordidela pôs termo às suas reflexões. Mais uma vez, viu-se obrigado a fugir. Escondeu-se no lodo, no fundo do rio, e tomou uma decisão: voltar para a poça quanto antes!

Foi uma viagem bem penosa, porque teve de nadar contra a corrente, e quantas vezes arbustos e árvores lhe impediam a passagem! Quando, finalmente, alcançou a sua poça, sentiu uma alegria e um alívio muito grandes. No final de contas, que bonita que era e que bem que se estava ali!

Os peixinhos concordaram entre si que a viagem tinha feito bem ao peixe grande; já não resmungava tanto e estava sempre pronto para contar as aventuras no rio, o que os divertia muito.

In: *Histórias Tradicionais*, 1988, ME.



# POESIAS



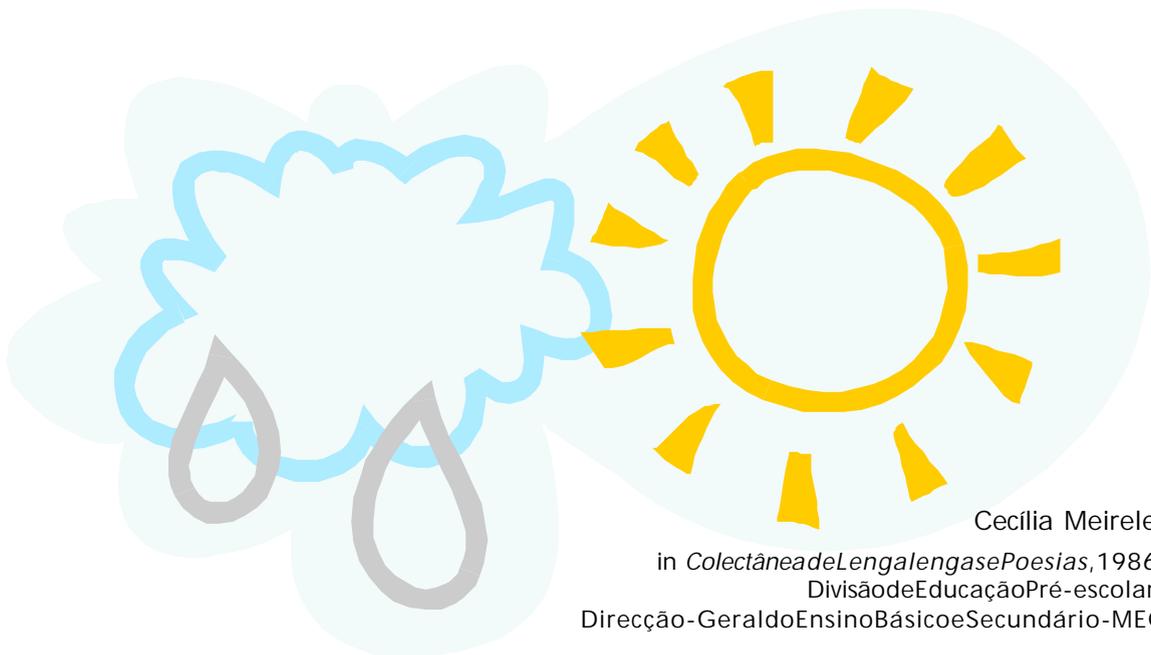
## OU ISTO OU AQUILO

Ou se tem chuva e não se tem sol  
ou se tem sol e não se tem chuva!  
Ou se calça a luva e não se põe o anel,  
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem, sobe nos ares não fica no chão,  
quem fica no chão não sobe nos ares.  
É uma grande pena que não se possa  
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,  
ou compro o doce e gasto o dinheiro.  
Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...  
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,  
se saio correndo ou fico tranquilo.  
Mas não consegui entender ainda  
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

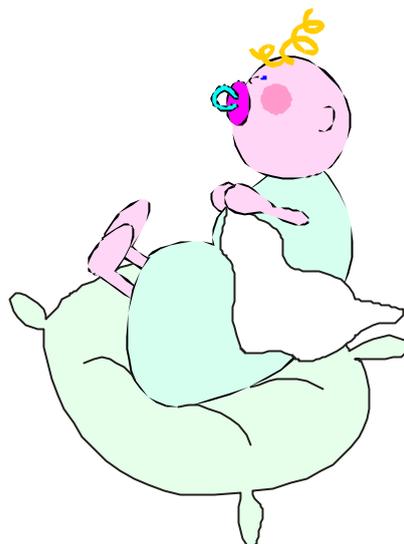


Cecília Meireles

in *ColectâneadeLengalengasePoesias*, 1986,  
Divisão de Educação Pré-escolar,  
Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário-MEC

## O NASCER

Mãe!  
Que verdade linda  
O nascer encerra:  
Eu nasci de ti  
Como a flor da terra!



## O CHAPÉUZINHO

A menina comprou um chapéu  
E pô-lo devagarinho:  
Nele nasceram papoilas,  
Dois pássaros fizeram ninho.

Chapéu de palha de trigo  
Que a foice um dia cortou:  
Na cabeça da menina,  
O trigo ressuscitou.

Depois tirou o chapéu,  
Tirou-o devagarinho,  
Não vão murchar as papoilas,  
Não se vá espantar o ninho.

E, chapeuzinho na mão,  
De cabeça levantada,  
A menina olhou o sol  
Como a dizer-lhe: Obrigada!

Matilde Rosa Araújo

in *Colectânea de Lengalengase Poesias*, 1986,  
Divisão de Educação Pré-escolar,  
Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário-MEC



## BRINQUEDO

Foi um sonho que eu tive:  
Era uma grande estrela de papel,  
um cordel e um menino de bibe.

O menino tinha lançado a estrela  
com ar de quem semeia uma ilusão;  
E a estrela ia subindo, azul e amarela,  
presa pelo cordel à sua mão.

Mas tão alto subiu  
que deixou de ser estrela de papel,  
e o menino aovê-la assim, sorriu  
e cortou-lhe o cordel.

Miguel Torga

## ALEGRIA

O patinho amarelo  
saíu do ovo  
de manhã cedinho

Que tudo é belo  
que tudo é novo,  
gritou o patinho

Que bom que vai ser  
brincar e correr  
com outros do meu tamank  
mostrar que sou pato  
e ir ao regato  
tomar banho

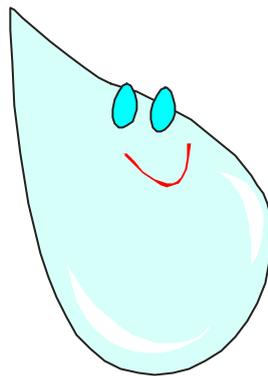


Sidónio Muralha

in *Colectânea de Lengalengase Poesias*, 1986,  
Divisão de Educação Pré-escolar,  
Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário-MEC

## ESPANTO

Uma gota de chuva  
suspensa de um telhado.



Dá-lhe o sol e parece  
pequena maravilha.

É umberlinde, dizem  
crianças entre si.

É uma bola, e bela,  
mas não rebola, brilha!

É a Lua? Uma bolha  
de sabão a brincar?

Um balão? Um brilhante  
de uma estrela vaidosa?

Diz a velhinha olhando:  
quem chorou esta lágrima?

Uma gota de chuva  
suspensa de um telhado:

Chegou uma andorinha  
engoliu-a e voou.

Maria Alberta Menéres  
in *Colectânea de Lengalengase Poesias*, 1986,  
Divisão de Educação Pré-escolar,  
Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário-MEC



LENGALENGAS



Fui à caixa das bolachas

Tirei uma ...

Tirei duas ...

Tirei três ...

Tirei quatro ...

Tirei cinco ...

Tirei seis...

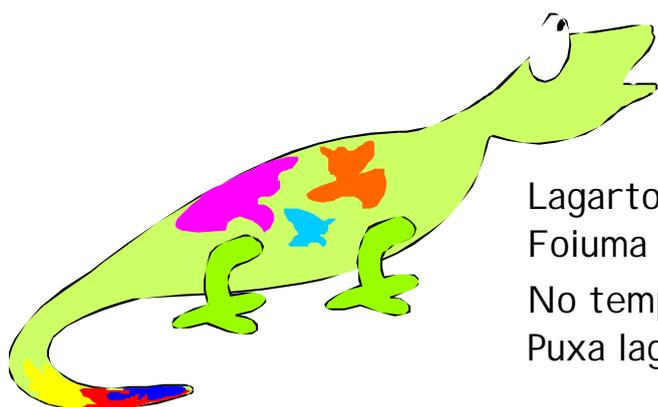
Tirei sete ...

Tirei oito...

Tirei nove ...

Tirei dez...

Que é para veres o guloso que tu és!



Lagarto pintado quem te pintou

Foi uma velha que aqui passou

No tempo da eira fazia poeira

Puxa lagarto por esta orelha

Sape gato lambareiro

Tira a mão do açucareiro

Tira a mão, tira o pé

do açúcar, do café



Era uma vez um gato  
chamado Carocho  
Ai que lindo que lindo  
que era o bicho  
Enrolou-se no capacho  
caiu da janela abaixo  
e foi parar ao balde do lixo



Um, dois, três, quatro  
A galinha mais o pato  
Fugiram da capoeira  
Foi atrás a cozinheira  
Que lhes deu com o sapato  
Um, dois, três, quatro



in *Colectânea de Lengalengase Poesias*, 1986,  
Divisão de Educação Pré-escolar,  
Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário-MEC

# RIMAS E ADIVINHAS

B rincar

E escrever

Saltar

Correr

J ogar

Ler

Cantar

A divinhar

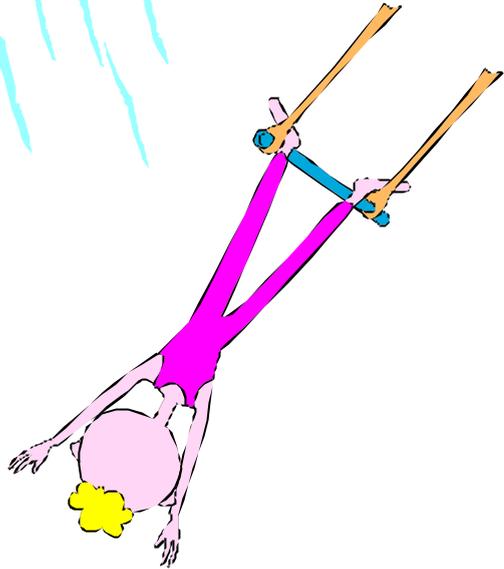
R imar



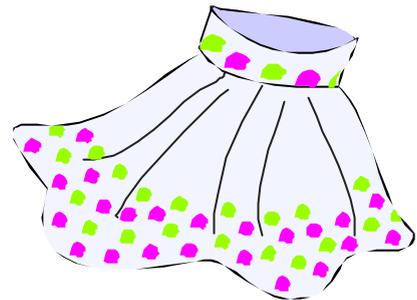
A videira dá a uva  
A nuvem escura dá a...



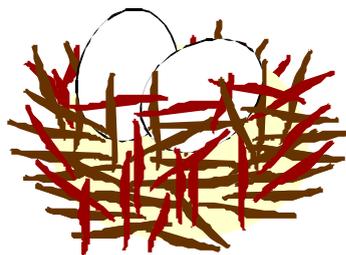
Batam palmas ao artista  
lá no palco está o ...



A onda grande da praia  
já molhou a minha ...



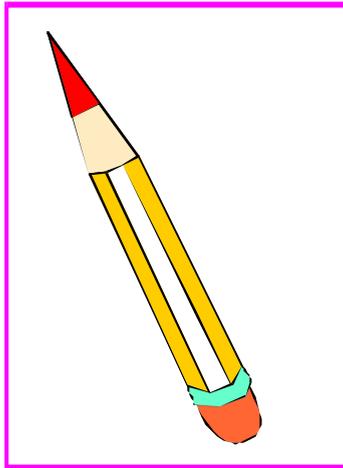
Tem asas o passarinho  
a voar vai par ao...



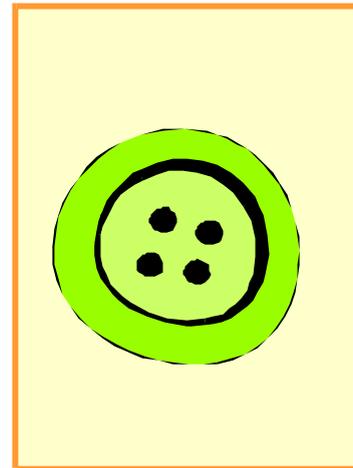
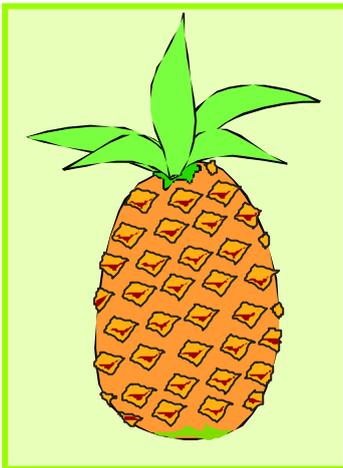
Para lavar a minha mão  
preciso de água e ...



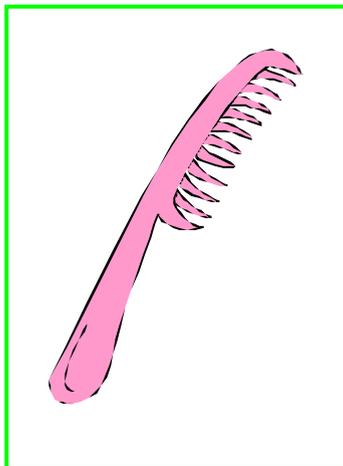
Qual é coisa  
Qual é ela que  
mal entra em casa  
se põe à janela ?



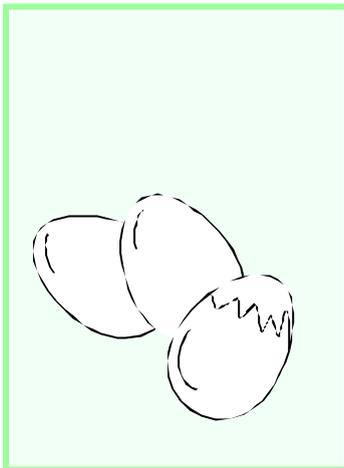
Qual é coisa  
Qual é ela  
que tem dentes  
e não come?



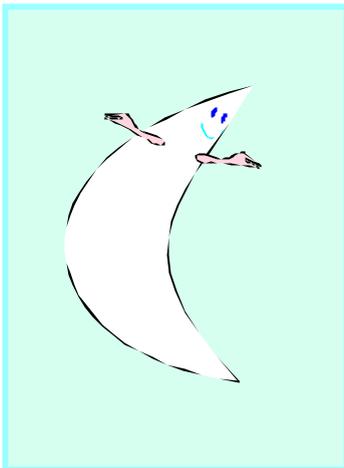
Qual é coisa  
Qual é ela que  
quanto mais se afia  
mais pequeno é?



Tem coroa e não é  
rei  
Tem escamas sem  
peixe ser  
Além de servir  
para doce  
é fruta, podes  
comer?



Qual é coisa  
Qual é ela  
tem dentes  
e não come  
tem barbas  
e não é homem?

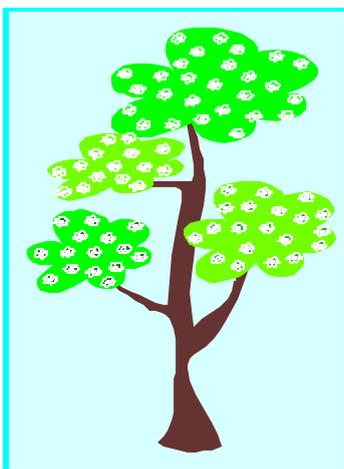


Qual é coisa  
Qual é ela  
quanto mais alta  
melhor se vê?

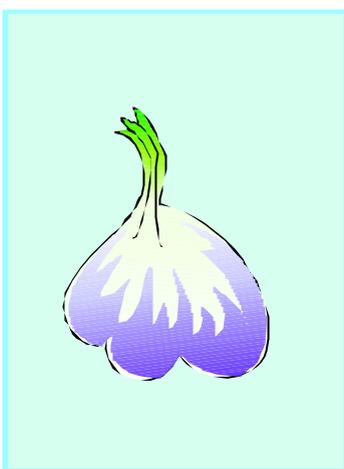
**ADIVINHA**

A large, thick, pink question mark is centered within a square frame defined by a blue dotted border.

Qual é coisa  
Qual é ela  
Branco é  
Galinha o  
põe...?



Qual é coisa  
Qual é ela  
que se veste  
no verão  
e se despe  
no inverno?

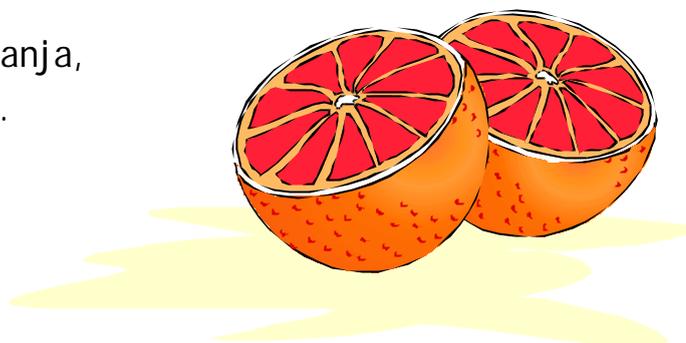


# CANÇÕES



## UMA LARANJA

O meu pai deu-me uma laranja,  
que cheirinho que ela tem.  
É redonda e amarela  
tenho fome, calha bem.



## SEMENTINHA

I

Semente, sementinha  
que na terra dá flor.  
Semente, sementinha  
verde, branca ou doutra cor.

II

Força, força,  
força p'ra nascer!  
Ai, que linda,  
já vem a aparecer!

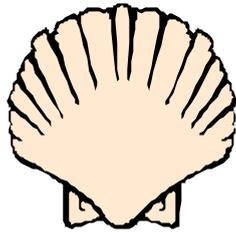


AnaMariaFerrão, MadalenaSáPessoa  
In: *Histórias Cantadas*, 1983, Plátano Editora.

## CONCHAS CONCHINHAS

I

Conchas conchinhas  
conchas do mar.  
Conchas conchinhas  
p'ra eu apanhar.



II

Vêm de longe,  
vêm nas ondas.  
Ficam na areia  
a brilhar...



## A CHUVA CAI, CAI

A chuva cai, cai  
Bis A chuva cai, cai  
A chuva cai na cabeça  
...nojoelho  
...nas pestanas, etc.



Ana Maria Ferrão, Madalena Sá Pessoa  
In: *Histórias Cantadas*, 1983, Plátano Editora.

## A GALINHA MAIS O PATO

Um dois três quatro,  
a galinha mais o pato.  
Fugiram da capoeira,  
por causa da cozinheira.  
Um dois três quatro.

Cinco seis sete oito,  
eu fui buscar um biscoito  
e levei-o à galinha  
que escondi numa caixinha.  
Cinco seis sete oito.



Um dois três quatro  
Cinco seis sete oito  
Um dois três quatro  
Cinco seis sete oito

## LIMPA OS VIDROS

I

Limpa os vidros, limpa, limpa,  
que a poeira veio sujar.  
Limpa os vidros da janela,  
e depois põe-te a espreitar.



II

Da janela do teu quarto  
quantas coisas para ver:  
As árvores a baloiçar,  
as pessoas a correr,

III

Autocarros, automóveis,  
um polícia a mandar parar;  
Limpa os vidros, limpa, limpa  
até os pôr a brilhar.

Ana Maria Ferrão, Madalena Sá Pessoa  
In: *Histórias Cantadas*, 1983, Plátano Editora.

## COM O VENTO DE MANSINHO

I

As velas do moinho  
Hum-hum, hum-hum (boca fechada)  
Com o vento demansinho  
Hum-hum, hum-hum



II

Gira gira gira giram,  
viradinhas para o mar.  
E as cabaças que as enfeitam,  
nunca param de cantar.

Ana Maria Ferrão, Madalena Sá Pessoa  
In: *Histórias Cantadas*, 1983, Plátano Editora.

## **Ficha Técnica**

Caderno de Histórias , Poesias, Lengalengas, Adivinhas, Canções

### **Director**

Vasco Alves

### **Coordenadora do Núcleo de Educação Pré-Escolar**

Paula Aguiar

### **Concepção do Caderno**

Maria de Lurdes Costa

Maria Manuela Moura

Maria da Conceição Baptista

Maria Teresa Gomes de Abreu

### **Apoio Técnico**

Madalena Guedes

### **Capa, Ilustrações e Concepção Gráfica**

Maria Manuela Lourenço

### **Data**

2002

**Com a colaboração da Direcção Regional de Educação de Lisboa**

Este caderno foi concebido no âmbito do projecto "Travelling Early Learners" da EFECOT (European Federation for the Education of the Occupational Travellers) do qual Portugal é membro.

